

Beatriz Lalli de Freitas - n°USP 9791570

A morte secreta das abelhas

Já faz um tempo que meu banheiro se tornou um cemitério inusitado de abelhas. Vez ou outra, me deparo com a surpresa infeliz de um ou dois pequenos cadáveres no chão. A morte ali, fria-quase-quente recém passada, até para as pequenas criaturas.

Mas ontem vi a morte performar. Soube executar, talvez com a crueldade que coubesse naquele pequeno corpo, a dor desconcertante que gera o descolamento da vida. Entrou pela fresta da janela desnorteada, com um zumbido atípico, não aquele de celebração da bênção do pólen, do mel, mas um zumbido de angústia que ecoava na acústica do banheiro. Este eco não combina com o som de abelha. Pareceu socorro. Observei o pequeno e sonoro corpo se debater nas paredes, ia perdendo força aos poucos. Pousou no espelho. Se via pela primeira vez a abelhinha. Se abelhas têm coração, talvez tenha batido mais forte por sentir conforto ao notar no reflexo a presença de outra como ela, mas a abelha do espelho não a seguiu, não é exatamente como a sombra. Alguns movimentos o orgulho estático do espelho não acompanha. Será que era outra como ela, ou era a náusea da morte que se apropriou e a fazia delirar por companhia? Na vida tão coletiva, não teria antecipado a morte solitária

Já fraca, poupou suas asas. Usava as patinhas esforçadas para reconhecer o chão onde pisava. Sentia o frio dos ladrilhos, lisos e perfeitamente escorregadios. Estranhou, zozna, a geometria do solo, tão retangular, tão ordinária. Delirante, se imaginou de volta na colmeia, lambuzada e transpirante de mel, sentindo a simetria nobre dos pequenos octógonos quentes do favo, onde guardava o segredo das abelhas, a memória da receita mística e rarefeita do mais ancestral leite. Se despediu nos pensamentos de sua rainha, fazendo-lhe reverência. Fazia-se ainda menor, poupava agora as pernas, sendo carregada pelo silêncio do que chegava

Por um minuto, talvez, a morte não tenha sido tão dolorosa. Entorpecida pela vida, se deixou lembrar da última flor que beijou. O vento frio do banheiro a transportou para a seda aveludada da pétala rosa, se viu sugando o suave aroma agridoce do pólen, era acariciada levemente pelo formigamento gentil e convidativo do estigma floral. Costurou seu orgulho e sua coragem no interior do grão de pólen: invisível, mas presente. Guardou para que outra operária em outras vidas, os encontrasse durante a

deliciosa labuta. Agora a flor lhe fazia mel. A rainha lhe servia. Que honra. Não morreria sozinha, afinal? Viria a majestade ela mesma velar seu corpo operário?

A morte parecia com sua rainha, era irrevogável, translúcida, era terna como sua mãe. Era para quem devotou a sua curta vida inteira. O silêncio virou a briza que a levou como na cama macia de um outro manjar. Mais amargo, mais pegajoso. Sem saída, a imobilizou e tranquilizou seu coração de abelha. Foi absorvida por esse segredo, por esse mel do tempo, que se nutre e se apropria de tudo que é efêmero e insondável. Os mesmos que hão de absorver grandes criaturas.